

A construção da cidadania homossexual no Brasil

Gostaria de ver todos os homossexuais condenados à morte num forno crematório e, mesmo assim, lamentava que sobrassem as cinzas.

Jornalista Ivan Leal²

¹ Luiz Mott é autor dos livros *Homofobia: a violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil* (1997), *Assassinato de homossexuais: manual de coleta de informações, sistematização e mobilização política contra crimes homofóbicos* (2000), *Matei porque odeio gay* (2002), entre outros.

² *Jornal do Domingo*, São Paulo, 14 dez. 1986.

³ Declaração ao jornal *O Estado de S. Paulo*, em 5 de dezembro de 1998.

Não adianta comemorar o cinquentenário da Declaração dos Direitos Humanos, se práticas injustas que excluem os homossexuais dos direitos básicos continuam ocorrendo. É preciso que o Executivo, o Legislativo e o Judiciário tomem consciência e tenham percepção de que é necessário enfrentar essa situação de grave adversidade por que passam os integrantes deste grupo extremamente vulnerável.

Ministro Celso Mello, presidente do Supremo Tribunal Federal³

ABERTO

“Somos milhões, estamos em toda parte... E o futuro é nosso!” Esse é um *slogan* que homossexuais do mundo inteiro gostam de repetir em todas aparições públicas – conferências, entrevistas ou manifestações políticas. De fato, pesquisas científicas comprovam que milhões de *gays*, lésbicas, travestis e transexuais se espalham por todo o mundo. Segundo o inquestionável Relatório Kinsey, a maior e mais respeitada investigação sexológica até hoje realizada no mundo, 10% da população ocidental é constituída predominante ou exclusivamente por praticantes do homoerotismo. Portanto, o Brasil, cuja população é calculada em 170 milhões, possui por vota de 17 milhões de amantes do mesmo sexo. É uma população assaz significativa, se a compararmos, por exemplo, com a população indígena brasileira, que conta com 400 mil indivíduos.

O que levaria *gays* e lésbicas a acalentarem sonho tão otimista, de que “o futuro está do lado das pessoas homossexuais”? Seria simples retórica para compensar um presente tão hostil, uma paródia do versículo evangélico de que “os últimos no presente serão os primeiros no futuro”?

Infelizmente, verdade seja dita, somos obrigados a reconhecer que de todas as chamadas “minorias sociais”, no Brasil e na maior parte do mundo, homossexuais continuam a ser as principais vítimas do preconceito e da discriminação. Todos nós já escutamos mais de um pai declarar: “Prefiro ter um filho ladrão a ter um filho homossexual!”. Ou, então, vociferar esta sentença de morte: “Viado tem mais é que morrer!”. E não nos acusem de apelar para o vitimismo, pois os dados comprovam inegavelmente que, de todas as minorias sociais, as pessoas homossexuais são as mais vulneráveis: no Brasil, por conta da homofobia, a cada dois dias, ocorre um bárbaro assassinato de um *gay*, ou de um travesti, ou de uma lésbica.⁴

Mais do que simples triunfalismo demagógico, o que leva homossexuais do mundo inteiro a apostarem que, neste século, amantes do mesmo sexo terão seus plenos direitos de cidadania universalmente reconhecidos é a consciência de que a admissão dos direitos humanos dessa minoria sexual vem, de fato, crescendo em passo igual aos dos progressos da civilização.

Se tomarmos como exemplo a história do Brasil, somos obrigados a reconhecer uma transformação radical de nossas leis em relação ao “amor que não ousava dizer o nome” (Lord Alfred Douglas/Oscar Wilde). Durante os três primeiros séculos de nossa história, o homossexualismo era apelidado de “abominável e nefando pecado de sodomia”, um crime equiparado, na penalidade, ao regicídio e à traição nacional e castigado com igual rigor. Quer dizer: dois homens que se amassem deviam ser punidos com a mesma severidade como os inculcados em crime de lesa-majestade.

Foi somente às vésperas de nossa Independência, em 1821, com a extinção do abominável tribunal da Inquisição, que a sodomia deixou de ser crime. Por influência liberalizante do Código de Napoleão, nosso Código Penal (1823) igualmente descriminalizou o amor unissexual. Foi o primeiro passo a caminho da cidadania dos “pederastas” – termo comum no tempo de nossos bisavôs e nossas bisavós.

O mundo começou, então, a perceber que pessoas negras e indígenas também nasceram para a liberdade; que também mulheres e crianças devem ter seus direitos respeitados na nova sociedade; que a cidadania deve ser estendida igualmente ao emergente proletariado. O preconceito anti-homossexual, não obstante, continua atuante e implacável em nossa sociedade.

Portanto, somente após 150 anos depois da descriminalização da homossexualidade, alguns poucos *gays* e lésbicas ousaram

⁴ MOTT, Luiz. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias sociais. 2000. Comunicação apresentada no Seminário Gênero & Cidadania: tolerância e distribuição da justiça, Unicamp, IFCH/Pagu, 6 dez. 2000.

identificar-se e proclamar aos quatro ventos: “É legal ser homossexual!”. Legal na dupla acepção do termo, não só porque a Lei protege homossexuais, mas também porque as ciências garantem que as três orientações sexuais – homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade – são igualmente legítimas, saudáveis e naturais (*leia, no boxe, as conquistas mais recentes do movimento homossexual brasileiro*).

Escorado nessas conquistas tão importantes, descortino um futuro esperançoso e brilhante para mais de 10% dos bra-

sileiros e brasileiras praticantes do amor unissexual. É um futuro em que a alegria, as purpurinas e os paetês, tão ao gosto da estética *gay*, e o amor e a liberdade de amar hão de se tornar patrimônio universal de toda a humanidade. Afinal, “gente nasceu para brilhar, e não para morrer de fome”. O grande número (1,5 milhão) de manifestantes *gays*, lésbicas e simpatizantes (GLS) na última parada do orgulho *gay*, ocorrida em julho de 2004, em São Paulo, representa um marco histórico na visibilidade maciça das minorias sexuais.

Breve história do movimento homossexual brasileiro

1978 – Início do movimento homossexual brasileiro. Nesse ano, foi fundado, no Rio de Janeiro, *O Lampião da Esquina*, nosso primeiro jornal *gay*, e surgiu, em São Paulo, a primeira entidade de defesa dos direitos dos homossexuais, o grupo Somos. A partir daí, mais de 300 grupos de *gays*, lésbicas, bissexuais travestis e transexuais (GLBT) foram fundados de norte a sul do país, alguns com vida efêmera. Hoje, existem por volta de 150 ONGs/GLBT espalhadas do Oiapoque ao Chuí. O mais antigo em funcionamento é o Grupo Gay da Bahia, fundado em 1980, no mesmo ano em que se realizou o primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais, celebrando-se, no ano seguinte, pela primeira vez no país, o Dia do Orgulho *Gay*. **1982** – O grupo Outra Coisa, de São Paulo, produziu um folheto pioneiro alertando os homossexuais sobre a Aids, então chamada de “peste *gay*”. Nesse mesmo ano, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Associação Brasileira de Antropologia, a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais e a Associação Brasileira de Estudos Populacionais aprovaram moções contra a homofobia e deram apoio aos direitos de cidadania dos homossexuais. **1985** – O Conselho Federal de Medicina retirou o homossexualismo da classificação de doenças: essa campanha nacional teve o apoio de mais de 16 mil signatários, incluindo destacados intelectuais, políticos e artistas, antecipando, em cinco anos, resolução semelhante da Organização Mundial de Saúde (OMS). **1986** – Os grupos Triângulo Rosa (Rio de Janeiro), Libertos (São Paulo) e Grupo Gay da Bahia iniciaram campanha entre os constituintes, para incluir a proibição de discriminação por orientação sexual no texto constitucional, pleito não contemplado na versão final da Constituição. **1988** – Pela primeira vez um representante do movimento homossexual passou a integrar a Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde. **1990** – A partir de Salvador, 72 cidades brasileiras e três estados incluíram nas Leis Orgânicas municipais a proibição de discriminar por orientação sexual. **1993** – Renildo José dos Santos, de Coqueiro Seco (AL), o primeiro vereador *gay* assumido do Brasil, foi assas-

sinado após bárbara tortura, e seus matadores continuam impunes. **1995** – Fundada a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), que conta hoje com mais de 150 grupos filados, a maior entidade homossexual da América Latina. Nesse mesmo ano é apresentado o projeto de lei de Parceria Civil Registrada, iniciativa da deputada Marta Suplicy (PT/SP), até hoje sem ter sido votado. **1996** – Pela primeira vez, os homossexuais são citados num documento oficial do governo brasileiro, no Plano Nacional de Direitos Humanos, e incluídos entre os grupos sociais mais vulneráveis de nossa sociedade. **1997** – O Conselho Federal de Medicina autorizou operação de transexuais, a despeito de o Congresso Nacional ainda não ter votado projeto legalizando tal procedimento cirúrgico. **1999** – O Conselho Federal de Psicologia aprovou resolução proibindo terapias visando à “cura” de homossexuais. **2000** – Edson Nêris foi barbaramente assassinado na Praça da República (SP), por um bando de neonazistas; esse assassinato tornou-se o crime homofóbico de maior repercussão nacional. Nesse mesmo ano, o INSS concedeu o direito previdenciário de pensão aos parceiros *gays* por falecimento ou detenção. **2001** – Fundada a Articulação Nacional de Travestis (Antra). **2002** – Pela primeira vez na história brasileira, um presidente da República fala publicamente a palavra “homossexual”, apoiando a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Nesse mesmo ano, o Grupo Gay da Bahia lançou o *Livro de União Estável Homossexual*, reconhecido pelo INSS como documento legal para comprovação de relações estáveis e recebimento de benefícios. **2003** – A parada *gay* de São Paulo reuniu mais de 1 milhão de participantes, tornando-se a maior manifestação maciça de homossexuais do mundo. Nesse mesmo ano, instituiu-se a data de 29 de agosto como Dia da Visibilidade Lésbica. **2004** – Em maio, o governo federal lançou o programa Brasil sem Homofobia, propondo 51 ações afirmativas a serem realizadas por 11 ministérios. No mesmo ano, o Ministério da Cultura instituiu o Grupo de Trabalho de Promoção da Cidadania para Homossexuais.

Homofobia à brasileira

De fato, mais de 50 anos depois da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o movimento homossexual brasileiro ainda tem, lastimavelmente, muito a denunciar: a cada dois dias, uma pessoa homossexual continua sendo brutalmente assassinada no Brasil, vítima da homofobia.⁵ Com o intuito de diminuir e erradicar a discriminação e violência anti-homossexual em nosso país, o Grupo Gay da Bahia, em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, todos os anos vem divulgando um dramático dossiê, o mais completo produzido no país e na América Latina: *Violação dos direitos humanos e assassinatos de homossexuais no Brasil*.

O quadro descrito no último dossiê, referente ao ano de 2003, é aterrador e revoltante. Ele comprova que a intolerância, a violência e os assassinatos de gays, lésbicas e travestis têm se mantido nos últimos anos praticamente nos mesmos patamares de selvageria e impunidade. A **Tabela 1** mostra como tem evoluído, no Brasil, o assassinato de homossexuais. É importante lembrar que estes dados cobrem apenas dois terços de nosso território; portanto, tais números são apenas a ponta de um iceberg de sangue e ódio.

Tabela 1

Assassinatos de homossexuais no Brasil: 1963–2003	
Ano	Total
1963–69	30
1970–79	41
1980–1989	503
1990–1999	1.256
2000–2003	513
Total	2.342

Dessas vítimas, gays representam 63%, travestis, 31%, lésbicas, 6%. Sempre é bom lembrar que, proporcionalmente, travestis são muito mais vitimadas do que lésbicas e gays, pois a população de transgêneros brasileiras deve beirar 20 mil indivíduos, enquanto os gays ultrapassam 17 milhões.⁶

Convém insistir num ponto: esses assassinatos não se tratam de crimes comuns, fruto de assalto ou bala perdida. São *crimes de ódio*, e a condição homossexual da vítima foi determinante no *modus operandi* do agressor. Portanto, “crime homofóbico” é motivado pela opinião preconceituosa dominante em nossa sociedade machista, que vê e trata o homossexual como presa frágil, efeminado, medroso, incapaz de reagir ou contar com o apoio social quando agredido.⁷ Tais crimes são caracterizados por altas doses de manifestação de ódio: muitos golpes, utilização de vários instrumentos mortíferos, tortura prévia.

A impunidade e a homofobia dentro da polícia e da própria justiça estimulam a ação violenta dos machistas homofóbicos. Essa mesma homofobia vergonhosamente se alimenta do próprio discurso oficial de importantes destaques institucionais da sociedade brasileira e se legitima nele. Além disso, a mídia nacional, em pleno início de século, também estimula a homofobia e, por isso, também é responsável por tais crimes. Que os leitores e as leitoras façam seu próprio julgamento dessas abomináveis declarações de ódio, desprezo e estímulo à violência anti-homossexual:

- na Universidade de Santa Cruz, no Rio Grande do Sul, foram distribuídos panfletos e adesivos com a seguinte palavra de ordem: “Mate um homossexual!”;
- num dos programas de maior audiência popular, quando ainda era apresentado pela TV Record (da Igreja Universal), a apresentadora Ana Maria Braga divulgou a seguinte piadinha: “Você sabe qual é a maior tristeza de um pai caçador? Ter um filho veado e não poder matar!”;
- o bispo de Erechim, em Santa Catarina, d. Girônimo Anandréa declarou: “Os homossexuais nunca constituíram uma família. E nem vão constituí-la no futuro. O bem comum da sociedade requer a desaprovação do seu modo de agir”;
- o pastor Túlio Ferreira, da Assembléia de Deus, em São Paulo, disse: “O homossexualismo é uma anormalidade, uma profanação do nome de Deus, pois a homossexualidade é uma maldição de Deus e, por isso, todos os homossexuais serão conduzidos pelo diabo à perdição eterna”;

5 MOTT, Luiz. *Homofobia: a violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil*. San Francisco: IGLRHC, 1997.

6 MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. *As travestis da Bahia e a Aids*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1997. Os dados referentes aos assassinatos de homossexuais em 1999 vão de janeiro a setembro.

7 MOTT, Luiz. O crime homofóbico: viado tem mais é que morrer!. *Discursos Sediociosos: Crime, Direito e Sociedade*, Rio de Janeiro, Instituto Carioca de Criminologia, ano 2, n. 4, p. 121-130, 1997.

ESPAÇO ABERTO

***Luiz Mott**

Doutor em Antropologia, professor titular na Universidade Federal da Bahia, fundador e secretário de direitos humanos do Grupo Gay da Bahia (GGB) <luizmott@ufba.br> e <www.luizmott.cjb.net>

- d. Eusébio Oscar Scheid, quando ainda era arcebispo metropolitano de Florianópolis, declarou: “O homossexualismo é uma tragédia. *Gay* é gente pela metade. Se é que são gente!”;
- o beneditino d. Estêvão Bittencourt, do mosteiro do Rio de Janeiro, disse: “O homossexualismo é contra a lei de Deus e contra a natureza humana. Mãe lésbica deveria perder o direito de educar o seu filho. A justiça não deve dar a guarda da criança a uma mãe lésbica”;
- carecas de Santo André, cidade do estado de São Paulo, distribuíram panfletos com a palavra de ordem: “Destrua os homossexuais!”. Alguns meses depois, em janeiro de 2000, 18 *skinheads* trucidaram Edson Néris na Praça da República, no centro de São Paulo;
- espumando de ódio, num programa de TV, o deputado paulista Afanázio Jazadi declarou: “Todo homossexual deveria ser morto!”;
- Policiais do 16º Batalhão da Polícia Militar de Salvador proclamaram: “a ordem é metralhar os travestis!”.⁸

Se apenas uma dessas sentenças de morte ou dessas incitações à violência tivesse sido proferida contra pessoas negras ou judias, ou mesmo contra outra categoria social, qual teria sido a reação popular e governamental? Certamente,

resultaria em prisão inafiançável, demissão dos cargos públicos, retratação oficial etc. A injustiça, a falta de solidariedade e a discriminação oficial e popular contra homossexuais são revoltantes e ilegais, pois a Constituição Federal garante que “todos são iguais perante a Lei”, embora de fato, como disse d. Eusébio Oscar Scheid, “os homossexuais são gente pela metade. se é que são gente!”. Ainda estamos numa fase em que temos de convencer a opinião pública de que somos seres humanos!

O próprio governo, em seu Programa Nacional de Direitos Humanos, reconheceu finalmente que as pessoas homossexuais estão entre os grupos mais vulneráveis de nossa sociedade.⁹ Assim, foi lançado, em maio de 2004, o Programa Brasil Sem Homofobia,¹⁰ envolvendo 11 ministérios na promoção de ações afirmativas contra o “racismo anti-homossexual”. É urgentíssimo que as autoridades governamentais cumpram nossa Carta Magna e investiguem, julguem e punam os crimes sexuais com o mesmo rigor como têm tratado os crimes raciais.

Depende de nós, da pressão de *gays*, lésbicas e transgêneros – e do apoio da numerosa tribo de *simpatizantes* – fazer com que o século XXI represente a conquista definitiva e universal de nossa utopia: o direito de amar e ser feliz.

Consolidação dos direitos humanos das pessoas homossexuais

Vislumbro quatro ações imediatas para erradicar a homofobia em nosso país:

1. educação sexual em todos os graus escolares, ensinando a todos(as) os(as) jovens que a pessoa homossexual é um ser humano e que a livre orientação sexual é um direito inalienável de cidadania;
2. diálogo com as diferentes denominações religiosas, para desconstruir o discurso homofóbico e a postura fundamentalista que considera e discrimina as pessoas homossexuais como pecadoras possuídas pelo demônio;
3. leis que punam exemplarmente as pessoas que discriminam, violentam e as-

sassinam *gays*, travestis e lésbicas, equiparando a homofobia ao crime de racismo, capacitando a polícia e a justiça a investigar e julgar, com exemplar severidade, os(as) responsáveis por crimes homofóbicos;

4. campanhas de conscientização dirigidas às pessoas homossexuais para que reajam ao serem ameaçadas e agredidas, para que registrem queixa quando forem vítimas de qualquer preconceito e discriminação e para que saiam do armário e se assumam com orgulho e dignidade, convencendo a sociedade heterossexista de que a livre orientação sexual é um direito humano fundamental. ■

⁸ Informação do *Boletim do Grupo Gay da Bahia*, ano XIX, n. 38, 1999.

⁹ *Programa Nacional de Direitos Humanos*, Brasília, Ministério da Justiça, 1996.

¹⁰ Versão completa do Programa *Brasil sem Homofobia* pode ser encontrada no site <http://www.mj.gov.br/sedh/ct/004_1_3.pdf>.

We.

O que você fala para seus filhos sobre o seu racismo?

foto: Marcelo Freitas

Não guarde o seu racismo. Jogue fora.

www.dialogoscontraoracismo.org.br

Apoio:

FUNDAÇÃO
HEINRICH
BÖLL

n(o)vib
OSPFM NETHERLANDS

ff
ROD FOUNDATION

act:onaïd

REBOUÇAS & ASSOCIADOS
Pesquisa, Estratégia e Ação em Comunicação

We.
Associação Brasileira de
DIVERSIDADE



DIÁLOGOS
contra o racismo
[Pela igualdade racial]